



ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O JOVEM NA EJA

Keila Cristina Medeiros Palácios (1)

Alessandra Campo Sedano Peres (1); Maiquel Duarte Chaves (2); Maria das Graças
Fernandes de Amorim dos Reis (3).

(1) Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (CPNV), Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET). E-mail: keila.mpalacios@gmail.com; (1) Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (CPNV), Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET). E-mail: alessandraalle1@hotmail.com; (2) Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (CPNV), Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET). E-mail: maiquel.duartechaves@hotmail.com; (3) Doutora em Educação pela UFSCAR, Professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (CPNV), Tutora do Grupo Programa de Educação Tutorial (PET). E-mail: gmg46@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos – EJA durante muito tempo passou por longos processos de mudanças, até se consolidar no modelo que conhecemos atualmente, sempre com o objetivo de alfabetizar e fornecer condições para prosseguirem nos estudos aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar na faixa etária prevista. Ao longo do tempo, surgiram diversos meios para sanar o analfabetismo no Brasil, uma das medidas implantadas foi o Mobral em 1967 e a Fundação Educar em 1985, que teve duração apenas de cinco anos, sendo sessada em 1990 pelo Governo Federal que se recusou a financiar este projeto. No entanto, ainda na década de 1990 com a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, essa modalidade de ensino passou por alguns reajustes e começou a ser conhecida como Educação de Jovens e Adultos.

A pesquisa intitulada Alguns Apontamentos sobre o Jovem na EJA, tem o objetivo de apresentar brevemente a origem dessa modalidade de ensino, bem como discutir alguns aspectos do jovem estudante no que se refere à vida e a alfabetização. Toda a pesquisa foi realizada com base em referenciais teóricos como Ferrari (2005), Camilo (2012), Pierro (2001), entre outros, que abordam a temática, desde sua origem até possíveis soluções para os problemas que esta passa atualmente.

Por se tratar de um tema relativamente novo no campo da educação é de suma importância que todos conheçam, discutam e aprendam



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

formas de trabalhar com esse público, que por motivos variados estão aos poucos retornando às salas de aulas.

METODOLOGIA

O trabalho faz parte de uma pesquisa desenvolvida com jovens que estudam na EJA do Município de Naviraí - MS, sendo fruto de uma das atividades realizadas por integrantes do Grupo Programa de Educação Tutorial - PET/Pedagogia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPNV). A partir desta foi feito um recorte no qual destacamos alguns aspectos do jovem na EJA que foram discutidos anteriormente no trabalho “Experiências de adolescentes na educação de jovens e adultos do município de Naviraí – MS”.

A pesquisa apresentada é de cunho bibliográfico e de natureza qualitativa, uma vez que nessa abordagem o pesquisador inicia o estudo “[...], apoiado numa fundamentação teórica geral, numa revisão aprofundada da literatura em torno do tópico em discussão [...]” (LARA, MOLINA, 2011, p.5). Nessa perspectiva, o desenvolvimento do estudo bibliográfico é o que de fato, ampliou e possibilitou uma melhor percepção acerca da temática a ser apresentada, visto que o objetivo deste é apontar alguns aspectos do jovem na EJA.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Amparada legalmente, a EJA consiste, na contemporaneidade, em uma modalidade de ensino que tem despertado o interesse de um público cada vez mais heterogêneo. Destinada àqueles que não concluíram as fases escolares na idade cronológica apropriada, a história dessa modalidade de ensino denota alterações alusivas, principalmente, às mudanças ocorridas nas diversas conjunturas sociais em que essa foi consolidando-se (SILVA, 2011).

No que tange à educação dos adolescentes, o Estatuto da Criança e Adolescente – ECA em seu Art. 03 pontua que a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, bem como o direito ao desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. Haja vista, a educação além de ser um direito, é um fator importante para o desenvolvimento das crianças e adolescentes, segundo o Art. 53 do ECA: “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1990, p.35)

Nesse sentido, a oferta de ensino para jovens e adultos, pensando em sua importância para a formação do indivíduo, não é algo discutido recentemente. Segundo Teixeira e Passos (2012):

A necessidade de uma política pública, que oferecesse alfabetização para Jovens e Adultos é constatada desde a colonização portuguesa. No final do século XIX e início do século XX, aprovaram-se projetos de lei que ressaltavam a obrigatoriedade da Educação de Jovens e Adultos com o objetivo de aumentar a demanda eleitoral, pois a Lei Saraiva de 1882 impedia o voto de analfabetos, surgindo assim em 1925, o ensino noturno para Jovens e Adultos. Após a Segunda Guerra Mundial surgiram campanhas em massa pela oferta do ensino primário para a população, sobretudo a população rural, e em 1960 a oferta estendeu-se ao curso ginasial (p.2).

A partir daí, com o passar das décadas, o país sofreu várias mudanças no que se refere à EJA, foram adotadas várias políticas e projetos envolvendo a Educação de Jovens e Adultos entre elas destaca-se o Mobral em 1967 e a Fundação Educar em 1985, que teve duração apenas de 5 anos, sendo sessada em 1990 pelo Governo Federal que recusou-se a financiar este projeto (TEIXEIRA; PASSOS, 2012 p.2).

Ainda na década de 1990, surge a nova Lei de Diretrizes e Bases - LDB, que manteve o foco nos exames de supletivo, utilizados como mecanismo de certificação, e modificou a idade mínima para o ingresso à EJA, que passou a ser de 18 para 15 anos no ensino fundamental e de 21 para 18 no ensino médio, desta forma sinalizando para as instâncias normativas estaduais a identificação cada vez maior entre o ensino supletivo e os mecanismos de aceleração do ensino regular (PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p.67).

Haja vista as mudanças na LDB, destaca-se também a emenda constitucional nº. 14/1996, que extinguiu a obrigatoriedade na matrícula para o ensino fundamental aos jovens e adultos, mantendo apenas a garantia de sua oferta gratuita. Apesar das mudanças, 66,2% dos jovens com 15 anos, ou mais, não completaram o ensino fundamental no qual, segundo a lei, teriam direito (PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p.66).

Nesse sentido, é importante ressaltar que o jovem que frequenta a EJA já abandonou os estudos no ensino regular, voltou a esta modalidade e pode não permanecer até a conclusão, pois trata-se de um sujeito que não possui a mesma história de outros jovens de sua faixa etária. “O jovem da EJA deve ser visto como uma pessoa, cujas condições de existência remetem à dupla exclusão, do seu grupo de pares da mesma idade e do sistema regular de ensino, por evasão ou retenção” (FERRARI; AMARAL, 2005, p.8).

Os jovens que buscam o conhecimento, nesta modalidade de ensino, assemelham-se aos adultos, pois estes, sempre “buscaram na EJA uma formação, porém, diferenciam-se deles em suas condições



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

biológicas e psicológicas, apontando para uma demanda diferente a do adulto no atendimento escolar” (FERRARI; AMARAL, 2005, p.8). Nesta perspectiva, Ferrari; Amaral (2005) pontua ainda, a fase em que esses jovens se encontram ao ingressarem na EJA:

Nesta fase de desenvolvimento, o jovem que se encontra no mercado de trabalho e lutando para garantir sua sobrevivência apresenta características diferenciadas pelo contato imediato com a realidade social, daquele jovem universal, abstrato, que só responde às etapas biológicas de seu crescimento, representadas por um conjunto de transformações corporais e psicológicas entre a infância e a idade adulta, típicas da adolescência (p.9).

Ao referirem-se a tal assunto, as autoras deixam clara a ideia do jovem, ser social, que trabalha desde cedo para ajudar sua família, ou ainda, aquele jovem apático que não possui muito interesse no mundo, uma forma de concluir rapidamente os estudos, ao passo que, por algum motivo não os concluíram. Assim sendo, a escola que oferece a EJA possui grande importância na vida dos jovens (FERRARI; AMARAL, 2005, p.9).

A permanência desses jovens em instituições de ensino que ofertam a EJA possui um papel maior nas suas vidas do que o de apenas emissora de certificados. Pensando no trabalho e escola, segundo Ferrari e Amaral (2005) “o jovem que frequenta a EJA está mergulhado num meio que pertence ao adulto, que ele desconhece na qualidade de agente da sua história, cuja prioridade está em manter-se no mercado de trabalho para garantir a sobrevivência”.

Quanto aos métodos de ensino para o público desta modalidade, assim como em outros programas de alfabetização, baseiam-se em desenvolver nos alunos habilidades de leitura, escrita e contagem, desenvolvimento do raciocínio visando facilitar a resolução de seus problemas e de sua comunidade, e criar hábitos e atitudes positivas em relação ao trabalho e a vida. (RYBCZYNSKI, 2014, p.1). Contudo, Diniz (2009, p.1) pontua que tais práticas de ensino ainda são apoiadas em métodos de alfabetização utilizadas com crianças nos anos iniciais do ensino fundamental, que em sua maioria se realiza na forma de leitura e escrita.

Sabe-se que a aquisição da leitura, escrita e do cálculo exige um longo período de aprendizagem, e sua consolidação requer a existência de oportunidades em dar continuidade aos estudos em um entorno sociocultural estimulante ao uso cotidiano das habilidades a serem adquiridas (UNESCO, 2008, p.35). Assim sendo, a EJA não pode ficar presa a um ensino infantilizado. No entanto, grande parte dos professores recorre aos materiais usados com as crianças dos anos iniciais, essa prática de acordo com as autoras, por se tratar de uma forma nova de ensino falha pela falta de formação adequada desses profissionais. Ainda sob a

perspectiva das autoras:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A maioria das faculdades de Pedagogia negligencia a EJA e não prepara os educadores para lidar com as especificidades da modalidade. Estudo encomendado por NOVA ESCOLA à Fundação Carlos Chagas no ano passado aponta que lecionar para jovens e adultos é um fato abordado somente em 1,5% das disciplinas do currículo de Pedagogia (VICHESSI; DINIZ, 2009, p.1).

O público dessa modalidade já é adulto e suas finalidades em relação aos os estudos já não é a mesma das crianças, até porque esse público já carrega consigo uma bagagem histórica que pode ajudar ou não na hora do ensino. Assim sendo, o papel do educador, antes de começar a ensinar a ler e escrever, deve ser o de conhecer seus alunos, sua características, expectativas, culturas, medos, anseios, e principalmente o motivo de ter retornado à escola, para poder assim ensiná-los de uma forma que este permaneça e conclua seus estudos. (CAMILO, 2012, p.1).

CONCLUSÕES

Ao longo do tempo o governo vem buscando medidas para acabar com o grande índice de analfabetismo no Brasil. A medida adotada para conseguir alcançar tal meta, tem sido a Educação de Jovens e Adultos – EJA, esta por sua vez passou por grandes mudanças ate chegar ao que conhecemos hoje. Tal forma de ensino esta em vigor desde a criação da LDB na década de 1990, assim sendo é uma modalidade relativamente nova, o que pode justificar a falta de preparo dos professores em suas metodologias de ensino, falta essa que vem desde os cursos de formação nas universidades, uma vez que alguns cursos do ensino superior como o de Pedagogia destina uma carga mínima para a preparação dos futuros profissionais que atuarão nessa modalidade.

A EJA tem um público especial, essas pessoas por variados motivos não conseguiram concluir os estudos no tempo estipulado como apropriado, mas por diversos fatores esse mesmo público que um dia abandonou a escola retornam as mesmas procurando aprender aquilo que por direito é dele, a educação e o conhecimento formal. Partindo disso, sabemos que esses cidadãos carregam consigo uma bagagem histórica e cultural que sobre nenhuma hipótese pode ser desprezada pelos professores. Percebe-se assim a importância de capacitar melhor os professores, e todos o que serão envolvidos no ato de ensinar o mais variado público naquilo que chamamos de Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRASIL. Ministério da Justiça. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n. 8.068, de 13/07/1990. Brasília, 1990. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei8069_02.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2015.

CAMILO, Camila. **Alfabetizar na EJA: o que muda no planejamento das aulas?** 2012, [s.l.]. Disponível em: <<http://novaescola.org.br/fundamental-1/alfabetizar-eja-muda-planejamento-aulas-694005.shtml>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

CONFITEA (Conferência Internacional sobre Educação de Adultos). **Declaração de Hamburgo: agenda para o futuro**. 1999. Brasília: SESI/UNESCO. Disponível em:<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000006.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

FERRARI, Shirley Costa; AMARAL, Suely. O aluno de EJA: jovem ou adolescente? **Alfabetização Solidária**, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 7-14, 2005.

LARA, Ângela Mara de Barros; MOLINA, Adão Aparecido. **Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias**. 2011. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/11041563-Capitulo-5-pesquisa-qualitativa-apontamentos-conceitos-e-tipologias.html>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

PIERRO, Maria Clara Di; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 55, novembro, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf>> Acesso em: 5 nov. 2015.

RYBCZYNSKI, Estanislau. **Mobral, Movimento Brasileiro de Alfabetização – O ensino da ditadura**. 2014, São Paulo. Disponível em:< <http://www.saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/9064/Mobral%252C%2Bo%2Bensino%2Bda%2Bditadura> >. Acesso em: 05 ago. 2016.

SILVA, Rosângela Piva. **Adolescentes na EJA**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Especialização em EJA e Privados de Liberdade. 2011. Disponível em:<<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/72595>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

TEIXEIRA, Lilian Aparecida; PASSOS, Marinez Meneghello. **O que leva jovens e adultos a buscar a eja?** Algumas considerações. In: III Simpósio Nacional de ensino de ciência e Tecnologia, 2012, Ponta Grossa. Anais...Ponta Grossa: SINECT, 2012. Disponível em: <www.sinct.com.br/2012/down.php?id=2584&q=1> Acesso em: 2 nov. 2015.

UNESCO. **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática**. Brasília, 2008. 212 p. Disponível em:<<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001626/162640por.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2016.

VICHESSI, Beatriz; DINIZ, Melissa. **Prática adequada aos adultos**. 2009, [s.l.]. Disponível em:<<http://novaescola.org.br/politicas-publicas/modalidades/pratica-adequada-adultos-alfabetizacao-eja-situacoes-didaticas-leitura-escrita-512029.shtml>>. Acesso em: 29 jul. 2016.